

Migrantes LGBTQ+ em Florianópolis: papel das redes sociais migratórias na (re)construção da identidade sexual

Lucas Matias da Silveira

Mestrando em Planejamento Territorial e desenvolvimento Socioambiental – PPGPLAN

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Gláucia de Oliveira Assis

Doutora – Ciências Sociais - UNICAMP

Professora do Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e desenvolvimento

Socioambiental – PPGPLAN

Professora do Programa de Pós-graduação em História – PPGH

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Resumo

Esta pesquisa analisa os percursos migratórios de LGBTQ+ e a configuração de suas redes sociais. A população LGBTQ+ enfrenta no seu cotidiano em suas localidades de origens situações de preconceito e discriminação, dificuldades de inserção no mercado de trabalho e medo de vivenciar sua sexualidade o que os conduz ao processo migratório. No entanto, imigrantes e refugiados LGBTQ+ muitas vezes não podem se utilizar de redes sociais já tecidas, pois constantemente estão migrando para fugir de situações de preconceito e discriminação. Assim estes migram para locais que acreditam ser gayfriendly, como município de Florianópolis. Tendo em vista da importância da temática abordada, este artigo objetiva em apresentar os dados iniciais da pesquisa como dissertação de mestrado. Que a partir de uma revisão bibliográfica e levantamento de dados em jornais da década de 1990 ou de documentos da secretária de turismo, pretende-se identificar como se construiu em Florianópolis uma imagem de cidade gayfriendly. Além de apresentar o arcabouço teórico que a pesquisa está baseada.

Palavras chaves: circuito subcultura; identificação; LGBTQ+; migração; redes sociais;

Abstrac

This article aims to analyze the migratory paths of the LGBTQ+ population and the configuration of their social networks. In their places of origin, this population often faces situations of prejudice, discrimination, difficulties in finding a job and fear of fully experiencing their sexuality, which leads them to the migratory process. However, LGBTQ+ immigrants and refugees are often unable to use social network already made, as they constantly migrate to escape prejudice and discrimination. In which they migrate to places they believe to be gayfriendly, such as municipality of Florianópolis. In view of the importance of the theme addressed, this article aims to present the initial data of the referred research, the result of a master's dissertation in which, starting from a bibliographic review and survey of journalistic articles from the 1990s and documents from the secretary of tourism, it is intended to identify how the image of a gay-friendly city was built in Florianópolis, in addition to presenting the theoretical framework that the research is based on.

Keyword: identity; LGBTQ+; migration; social networks; subculture circuit; migration;

Introdução

Esta pesquisa, em andamento como dissertação de mestrado, propõe investigar como são tecidas as redes sociais, dos imigrantes da comunidade LGBTQ+ⁱ no município de Florianópolis. Sendo este, segundo o Censo de 2010 (IBGEⁱⁱ), 15% da população constituída por imigrantes e 0,11% formada por casais homoafetivos que moram junto, uma das maiores porcentagens de capitais nacionais. Incorporado a isto será realizado uma análise das redes sociais e do circuito de subcultura LGBTQ+ proporcionam uma (re)construção de sua identidade sexual.

A construção desse objeto de pesquisa se fundamentou, na vivência de um dos pesquisadores como manezinho da ilhaⁱⁱⁱ que percebeu o grande número de imigrantes recém chegados na cidade que se identificavam como LGBTQ+, assim após uma busca apoiada na metodologia do estado da arte^{iv}, nas bases de dados bibliográficos Scientific Electronic Library Online (SciELO/Pepsico), o banco de teses e de dissertações do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (Ibict) e o Portal de Periódicos Capes, constatou-se a pouquidade de pesquisas sobre migrações LGBTQ+, no âmbito nacional.

Destacando a pesquisa de Andrade (2019), que trabalha com refugiados por motivo de orientação sexual na cidade de São Paulo e traça um perfil do refugiado por orientação sexual, como esses refugiados são acolhidos no estado e como eles constroem suas redes sociais. Além de Theodoro (2021) que analisa as dinâmicas comunicacionais de (in)visibilidade nas experiências de refugiadas/os e imigrantes LGBTQ+ residentes nas cidades de São Paulo (Brasil) ou Barcelona (Espanha).

No entanto, pesquisas relacionadas a migração e gênero o Brasil possui uma abundante contribuição, principalmente na perspectiva feminista. Assis (2007), Martes (2000), Lisboa (2008) Padilha (2007), Piscitelli (2007) analisaram que as mulheres migravam com seus companheiros, mas, no local de destino, conquistaram espaço no mercado de trabalho e alteraram as relações sociais e familiares. Siqueira (2011) analisa a experiência do retorno no processo migratório e o porquê o estudo sobre retorno de mulheres ainda são escassas. Trazendo para atualidade, Faria, Ferreira e Paula (2020), utilizam as autoras já mencionadas para analisar a trajetória migratória de mulheres domésticas do Norte de Minas Gerais, na perspectiva das redes sociais e espaços de vida.

Contudo, percebe-se uma grande área de pesquisa em turismo e hospitalidade sobre viagens de LGBTQ+ e (re)construção da identidade e/ou saída do armário. Acentua-se o trabalho de Moreira e Hallal (2017), que realizam uma pesquisa sobre a experiência de saída do armário

quando as pessoas viajam para fora de suas cidades, permitindo sujeitos gays o (re)conhecimento de si, desta forma, constataram que as viagens são utilizadas por eles como resistências às amarras dos locais onde vivem, assim tendo oportunidade de transgressão, liberdade e atravessar a fronteira simbólica do armário, um dos locais que seu informante destaca que viajou para experimentar e se (re)descobrir foi Florianópolis. Outro trabalho que se destaca é de Lanzarini (2013), por meio de uma etnografia, também na cidade de Florianópolis, analisou os homens de identidade pública heterossexual que buscam interações sexuais homoeróticas no período de viagem, no qual afastam-se de seus grupos sociais fixos.

Durante a pesquisa constatou-se uma grande importância sobre a saída do armário e a (re)construção da identidade LGBTQ+, Silva Filho e Rodrigues(2010), analisam a saída do armário de jovens homossexuais em Belém-PA, Seggese(2008) analisa a partir da saída do armário de homens homossexuais os riscos e a construção de suas identidades. Carrara e Simões (2007), fazem uma análise histórica da construção da identidade homossexual masculina na Antropologia do Brasil. Junior (2012) a partir de uma revisão da literatura analisa a luta e resistência contra a padronização da sexualidade tem servido para construção da identidade LGBTQ+.

Mas não só nacionalmente, a questão de identidade LGBTQ+ possui destaque, internacionalmente, realça-se Policarpo(2016) por analisar a construção da identidade sexual fora da heteronorma, com isso segundo a autora a construção da identidade sexual, passa por três dimensões: integração, estratégia e subjetivação. Brandão (2014) também explora a construção da identidade homossexuais, principalmente de lésbicas, no qual, perpassa pelas três dimensões já citadas. Além de Hall (2019) que verifica como as identidades culturais são (re)construídas na sociedade pós-moderna que se vive.

A partir do resultado obtido na busca referente ao estado da arte, percebe-se que há um espaço para nova pesquisa em relação a redes sociais migratória de LGBTQ+ e se por meio destas, é possível uma (re)construção da identidade. Portanto a pesquisa em andamento, objetiva identificar o papel das redes sociais da população imigrante LGBTQ+ em Florianópolis na (re)construção de uma identidade sexual, e, partir disso: (1) Identificar os motivos migratórios da população LGBTQ+ e o porquê da escolha de Florianópolis; (2) Caracterizar o perfil dos imigrantes LGBTQ+; (3) Caracterizar como era o imaginário dos imigrantes da população LGBTQ+ sobre o município; (4) Identificar como se deu a construção das redes sociais migratórias e suas alterações durante o processo migratório; (5) Identificar os locais que fazem parte da subcultura LGBTQ+ de Florianópolis.

Como a pesquisa ainda está em andamento, para o presente artigo tem-se o objetivo de desenvolver o referencial teórico que embasará a pesquisa relacionando com o município de Florianópolis, fundamentado nisso pretende-se: (1) Caracterizar como a cidade construiu sua imagem como destino de Turismo LGBT+; (2) Compilar possíveis locais que fazem parte do circuito de subcultura LGBT+; (3) Levantar hipótese de como estes locais auxiliam o processo de modificação de redes e (re)constróem a identidade dos sujeitos da pesquisa;

A pesquisa se justifica por busca soluções de desenvolvimento social, econômico e espacial, na proposição que trate teoricamente e empiricamente os processos sociais, econômicos e espaciais, interligadas com o processo históricos de formação, produção e ocupação do território de Florianópolis, pelos imigrantes da população LGBT+, buscando formas de atenuação dos desequilíbrios sociais e econômicos materializados no território.

O compromisso ético-político desta pesquisa, pretende colocar a sexualidade no mapa, promovendo uma investigação sobre a (re)construção da identidade sexual e gênero dos imigrantes, no espaço urbano. Assim, pretende-se contribuir para investigação, criação e divulgação, de novas práticas culturais que perpassam pela sociedade, de modo que compreenda-se como o processo de (re)construção da identidade atravessa vários fatores nos quais o imigrantes da população LGBT+ do município de Florianópolis enfrentam.

O universo da pesquisa refere-se ao município de Florianópolis-SC. Pois acredita-se que seja um local de imigrantes LGBT+. Segundo censo de 2010 do IBGE, 15% da população do município em questão é constituída de imigrantes, muito maior que as outras capitais do sul do país, Porto Alegre (5,85%) e Curitiba (7,19%). Da mesma maneira, este índice é significativamente superior a outros grandes centros urbanos do Brasil, como São Paulo (4,2%), Rio de Janeiro (3,2%) e Brasília (7,95%). Desta forma, é evidente que Florianópolis é um centro urbano cuja participação de imigrantes é de grande relevância se comparada com outras capitais do Brasil, possuindo um dos maiores percentuais de pessoas que residem na cidade, mas nela não nasceram atualmente.

Agregado a esse dado, o censo do IBGE de 2010, também apresenta que Florianópolis é o município que mais possui casais que residem com cônjuge do mesmo sexo: 0,11%, maior que outras capitais, como Porto Alegre (0,10%), Rio de Janeiro (0,09%) e até São Paulo (0,067%), Além dos dados contemplarem apenas os casais que moram sob o mesmo teto, há a questão da subdeclaração, movimentos LGBT+ defendem que o número seja muito maior, visto que muitas pessoas da comunidade sintam medo ou vergonha de se expor para a pesquisa. Desta forma, pode-se supor que muitos imigrantes de Florianópolis residam com cônjuge do mesmo

sexo, que podem buscar no município um local onde possam se emancipar sua sexualidade e gênero.

A pesquisa em andamento, baseia-se na abordagem quantitativa-qualitativa são complementares (MINAYO, 2001). Desta forma, a partir da técnica de formulário, por meio de um *survey* (GIL, 2011), caracterizar-se-á o perfil dos imigrantes LGBTQ+, seus motivos migratórios, como era o imaginário desta população do município em questão, o porquê da escolha deste município e os locais que fazem parte do circuito de subcultura LGBTQ+ em Florianópolis. Para a análise dos processos sociais existentes nesses locais, planeja-se realizar uma etnografia multi-situada (MARCUS, 1999), caso a condição da COVID-19 o permita, caso contrário, esta fase da pesquisa será modificada para entrevistas virtuais, acompanhamento de páginas nas redes sociais e/ou a vivência anteriores nos locais pelo pesquisador.

Após a inserção em campo, a pesquisa contará com informantes dispostos a serem entrevistados, projeta-se realizar uma entrevista na perspectiva de história de vida (BONI e QUARESMA, 2005), identificando como se deu a construção das redes sociais no processo migratório e relacionando-as os locais do circuito de subcultura LGBTQ+, se ocorreu uma (re)construção da identidade de gênero ou sexual por meio das redes ou por outros fatores. Planeja-se realizar entrevistas com 10 pessoas, 2 lésbicas, 2 gays, 2 bissexuais, 2 trans e se tiver oportunidade 2 Queers, estes devem morar no município a pelo menos 1 ano.

Fundamentado nisso, este artigo de apresentação da pesquisa, desenvolve-se a fundamentação teórica do trabalho, a fim de embasar o arcabouço analítico sobre as questões levantadas, a partir da teoria de identificação de Hall (2019), no qual será baseado nas redes sociais migratórias, (re)construção da identidade sexual, circuito da subcultura LGBTQ+ e a construção de um imaginário para migração. Na segunda parte desse artigo caracteriza-se Florianópolis como destino LGBTQ+, as políticas pública destinadas a população em questão e partir disso, além da vivência do pesquisador antes da pandemia do COVID-19, levantar os possíveis locais que fazem parte do circuito da subcultura LGBTQ+, relacionando estes locais com a (re)construção da identidade dos sujeitos da pesquisa.

Fundamentação Teórica:

Constatou-se que historicamente os centros urbanos são refúgios da população LGBTQ+, onde está população supostamente, por meio, também, do anonimato que as cidades propiciam, ter uma vida de liberdade e satisfação sexual (TEIXEIRA, 2015). Desta maneira, as cidades são destino da população migrante LGBTQ+, já que em seus locais de origem nem sempre há uma

sociedade aberta ou redes de apoio que auxiliem no enfrentamento de fronteiras simbólicas e preconceitos existentes na sociedade local.

Além de migrantes LGBTQ+, as cidades recebem indivíduos que não se identificam como LGBTQ+ (ou que nunca se perguntaram quanto a sua sexualidade), que migram por diversos motivos: melhores condições de vida, de emprego, de estudo, entre outros. Quando estes sujeitos mudam de cidade, encontram uma sociedade diferente da qual convivia, assim, estas impactam nas ideias dos migrantes como sujeitos integrados a sociedade: o que antes era tomando como fixo, coerente e estável é levado a dúvida, incerteza, a uma crise de identidade (HALL, 2019).

Mas antes de entender como ocorre o processo, necessita-se definir o que é identidade. Para Hall (2019) possui-se três concepções de identidade, o do sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e o sujeito pós moderno. Nesta pesquisa em questão utilizará a concepção de Sujeito pós moderno, que para Hall (2019)

[...]conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (p. 11-12).

Brandão (2004) corrobora com a contextualização, apresentando que a nossa identidade é constituída através do percurso entre o nascimento e a morte. Ela é produzida pelas experiências que acumulamos, nas relações que temos e “(re)ações” dos acontecimentos que passamos, é o resultado das trocas com semelhantes que transportam a sua influência. Portanto para Hall(2019) o termo identidade está incorreto, pois como está sempre em processo, nunca está acabada, conseqüentemente deve-se utilizar o termo identificação.

A identificação é constituída pelas relações sociais, espaço-tempo e representações (HALL, 2019). Assim analisar-se-á os possíveis contextos que os sujeitos da pesquisa podem (re)construir sua identidade, serão baseados respectivamente pelas redes sociais migratórias (ASSIS, 2007) , o circuito da subcultura LGBTQ+ (VIEIRA, 2010, 2011b, 2011c, MENESES, 200) (espaço-tempo), que por meio destas proporcionarão uma experiência sexual (POLICARPO, 2016) e a imaginação para migração (VIEIRA, 2011c, ANDRADE, 2019) (representações^v). Não se pode negligenciar que os três aspectos trabalhados por Hall, estão constantemente ligados, cada aspecto não atua isolado no sujeito, todos estão relacionados a todo momento, mas para melhor compreensão far-se-á uma análise de cada abordagem individual.

As redes sociais migratórias (ASSIS, 2007), apontam para importância das relações de solidariedade que os migrantes constroem entre a sociedade de origem e de destino. As relações de rede mais significativas são de parentesco, amizade e origem comum, também deve ser considerado as redes sociais tecidas por meio dos locais e espaços que estes migrantes frequentam, como escolas, faculdades, bares, ruas, entre outras. Verifica-se que as redes sociais são a primeira perceptiva do imigrante do novo local, facilitando sua instalação, acolhimento, interação, construção de sentimento de pertencimento. As redes sociais migratórias são as primeiras relações sociais que o migrante constrói no local de destino.

Andrade (2019) constata que os imigrantes refugiados LGBTQ+ não podem utilizar as mesmas redes que os imigrantes não LGBTQ+ utilizam, pois os migrantes LGBTQ+ muitas vezes possuem receio de usar essas redes pela estigmatização que pode ocorrer. Para os sujeitos desta pesquisa, supõem-se que os imigrantes utilizam redes familiares, de amizade e origem comum para o processo migratório, após a migração e por meio dos locais que frequentam as redes alteram, para redes de identificação, amigos LGBTQ+ por exemplo, pois como muitos migrantes ainda não se identificam LGBTQ+ ou também pela heteronormatividade imposta, provavelmente não possuem contato com a população, contato este que será feito no local de destino.

Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico, elas possuem seu lugar específico, familiar, delimitado, além do tempo que liga o passado e o presente, conectando os indivíduos a eventos históricos (HALL, 2019). Assim contextualiza o conceito de circuito de subcultura LGBTQ+ no espaço urbano, no qual são espaços físicos que fazem parte da subcultura LGBTQ+ do município em questão.

Pode-se observar que a cidade proporciona liberdade sexual, por possuir espaços agregadores, onde a população LGBTQ+ possa vivenciar toda sua sexualidade e gênero, “esses espaços de lazer comunitários ganham uma importância fundamental nas espacialidades gays e lésbicas pela importância que o movimento físico, comunicação e inter-relação no cotidiano tem na construção dos modelos de vivência urbana desta população” (VIEIRA, 2011b, p.11) e na construção de uma identificação gay, principalmente nas fases iniciais da identificação LGBTQ+,

os bares não são simplesmente espaços físicos para experimentação (sexual e social) mais seguros; nem é apenas fisicamente que poderemos ler a sua delimitação dentro das cidades. Neles se procede também à elaboração de um discurso coletivo de diferenciação pela positiva, de oposição ao discurso da sociedade envolvente acerca da homossexualidade. Num certo sentido, estes são também locais de resistência discursiva, de fronteiras de significação. (MENESES, 2000, p. 937).

Constata-se que a população LGBTQ+ ressignifica os espaços, por meio da performatividade do grupo, ela constroem localidades “*gayfriendly*” (VIEIRA, 2010). Confirma assim que o espaço, tempo e a identificação estão correlacionados, não podendo dissociar a importância destes no sistema de representações (HALL, 2019).

Outro conceito importante para a pesquisa é a imaginação para migração, considera-se como um processo cultural global é um componente-chave na modernidade, pois a por meio da imaginação de outro local, construída pelas grandes mídias (televisão, internet, as redes sociais virtuais como facebook, instagram), mais pessoas em diversas partes do globo consideram traçar uma nova vida em outro local. A imaginação de um outro lugar, o querer se deslocar, está numa proporção maior que antigamente, assim cogita-se a emigração, onde a pouco tempo não existia essa possibilidade. (ANDRADE, 2019)

Mas percebe-se que utilização das mídias nos centros urbanos não adquirem apenas um papel importante na construção da imaginário LGBTQ+ mas também como elementos no turismo urbano assim “[...]recoloca a importância no “marketing de lugar”, que no caso de gays e lésbicas é potencializada por políticas públicas que referenciam em alguns casos os mesmo como elementos decisivos da promoção turística da cidade” (VIEIRA, 2011c, p. 111). Formando-se assim espaços *gayfriendly*.

Considerando que a imagem criada pela grande mídia, são formas de representação, conclui-se que por meio também, destas, a imaginação é um fator de migração, o migrante chega ao local de destino com uma visão representada pela mídia como local *gayfriendly*, mas quando os LGBTQ+ chegam a estes espaços deparam com outra realidade. Alterando toda a imaginação construída.

Para aprofundar-se principalmente sobre a questão da identidade sexual, será relacionado o conceito de identificação com conceito de identidade sexual, a partir da experiência sexual de Policarpo (2016), que analisa a (re)construção da identidade por meio do poder, real e simbólico da heteronormia, enquanto categoria de análise. Pois é esta categoria que perpassa na realidade dos indivíduos cuja a identidade desafia (não sendo a única) as práticas mais tradicionais, repreensivas, preconceituosa, impostas tácitas e culturalmente. A vista disso, são diversas maneiras nas quais os indivíduos negociam suas identidades, perante a sociedade heteronormativa que não descreve as suas experiências. Para melhor compreender este fenômeno a autora recorre à sociologia da experiência sexual.

A construção da identidade sexual, perpassa pela experiência sexual (POLICARPO, 2011; POLICARPO, 2014), em que se estrutura em três dimensões Integração, estratégia e subjetivação.

[...] A integração diz a respeito à abordagem da ação do indivíduo enquanto ser social determinado por agentes e instituições socializadoras, que o constroem em maior ou menor grau, adota papéis e valores. [...]
A estratégia remete para uma experiência desdobrada em dimensões como uma identidade-recurso [...].
[...] A subjetivação permite completar o modo de formação plural da experiência sexual, na medida em que descreve os modos como indivíduos se distanciam das identidades previamente definidas, [...] aderindo à modelos alternativos de identidade. (POLICARPO, 2016, p. 547-548)

Segundo a autora, nossa identidade sexual, pode perpassar essas três dimensões, e a partir de *turning point* (POLICARPO, 2016), uma epifania, confronta os indivíduos sobre suas identidades.

A autora destaca várias formas de *turning point*, mas para presente pesquisa destaca-se “Adesão a modelos coletivos alternativos à heteronormia”, a autora elabora que “modelos culturais alternativos que conferem ao sujeito uma imagem positiva da homossexualidade, o indivíduo ‘assumir-se’ (fazer o coming out)” (POLICARPO, 2016, p. 558).

Conclui-se que para a construção da identidade fora da heteronormia, perpassa por duas lógicas da ação individual principalmente: “a integração (em papéis valores de grupos, da comunidade, etc); e a da subjetivação (o modo como o sujeito se conquista a si mesmo, ao conseguir distanciar-se dessas identidades-integradoras)” (POLICARPO, 2016, p. 564). A lógica estratégica, segundo a autora é pouco utilizada para construção da identidade sexual.

A partir do exposto, constata-se que por meio das redes sociais migratórias e o processo de identificação há uma possibilidade de (re)construir a identidade sexual dos sujeitos da pesquisa, com consequência estes podem “sair do armário”.

O conceito de saída do armário é um conceito tanto utilizado como senso comum quanto conceito teórico, no qual define quando um indivíduo sai das amarras da heteronormatividade e se define homossexual. Mas então precisa-se conceituar o que este “armário”. Lazarini (2013) conceitua “armário” como “um espaço simbólico onde se escondem desejos e sexualidades em benefício de um grupo social dominante, mantendo a identidade” (p.551)

Já Sedgwick (2007) responsável pelo trabalho “epistemologia do armário”, contribui o conceito de Lazarini(2013), definindo o armário como “dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores” (SEDGWICK, 2007, p.19), desta forma, é uma particularidade fundamental da vida social em virtude das opressões sofridas pelas pessoas homossexuais, das quais, por mais que os sujeitos sejam corajosos e sinceros, prósperos pelo apoio de sua comunidade, o armário sempre acompanha, principalmente, da vida da população LGBT+.

O armário sempre estará acompanhando as pessoas, pois a cada nova relação, uma nova turma, um novo chefe, um novo colega, é simbolicamente difícil prever como será a consideração da informação, assim a todo momento há uma relação entre o armário e a pessoa, principalmente homossexual. Pois, este, não sabe como a nova relação comportará sobre o assunto.

A partir da conceituação do ‘armário’, podemos contextualizar teoricamente a “saída do armário” ou como internacionalmente chamado “*coming out*”. Para Seggese (2008), o ato de sair do armário o indivíduo e revelar sua homossexualidade, pondo em questão valores e crenças extremamente estabelecidos na sociedade e desta forma, o sujeito mesmo se sentindo bem consigo mesmo, pode sofrer preconceitos, estigmatização e sofrer agressões físicas, verbais ou outros danos sociais importantes. Por esta razão, a relação entre sujeito e o armário sempre será existente, como conceituado anteriormente, pois o sujeito tem receio de como cada nova relação elucubrará sobre.

Apoiado nisso, Seggese(2008), aponta que a saída do armário ou o coming out

[...] parece ser um dos processos de aprendizagem social mais importantes na vida de um homossexual, na medida em que uma identidade homossexual positiva começa a se delinear através de uma espécie de ressocialização, já que difere de outros grupos estigmatizados, como negros e judeus, os homossexuais não possuem de modo geral, apoio familiar para lidar com o preconceito (SEGGESE, 2008 p.5).

Outra autora que trata sobre o assunto é Spargo(2006), no qual, reflete que atualmente a questão de sair do armário tornou-se um marco político sexual dos LGBT+, sair do armário instiga a rebelar-se contra o confinamento e da ocultação, materializar a afirmação pública. Atualmente a questão de identidade e política do armário está cada vez mais contribuindo para sujeitos políticos, pois

[...] a diferença mais óbvia entre ‘gays’ e ‘lésbicas’ e as antigas categorias existentes era que, ao invés de aceitarem uma posição passiva como um objeto de conhecimento, os sujeitos identificados como gays e lésbicas estavam ostensivamente escolhendo ou reivindicando uma posição. Ser gay ou lésbica era uma questão de orgulho, não de patologia; de resistência, não de auto-ocultação (SPARGO, 2006, p. 25-26).

Claro que a autora está tratando principalmente sobre as identidades gays e lésbicas, este trabalho pretende trabalhar com bissexuais e transexuais, travesti ou transgêneros. Cada indivíduo possui um modo de sair do armário e (re)construir sua identidade, pois sabe-se que a identificação perpassa muito mais além da sexualidade, mas também questão de etnia, classe,

nacionalidade e afins. Mas o debate sobre como indivíduos LGBTQ+ estão reivindicando sua posição, também por uma questão política.

Conclui-se que há um grande arcabouço teórico que sustentam a problemática levantada, por meio das redes sociais migratórias, o migrante pode sim (re)construir sua identidade sexual e muitos sair do armário, não somente como forma de identificação, mas uma forma política de se impor a hegemonia da heteronormatividade. Esta pesquisa em desenvolvimento pretende trazer a experiência de pessoas reais para amparar a teoria já descrita.

Floripa se constituindo de destino turismo LGBTQ+

Esse subtópico tem como objetivo caracterizar o município de Florianópolis se constitui como um lugar destino LGBTQ+, como a imagem de cidade *gayfriendly* foi construída pelo marketing da cidade, sendo uma das cidades principais, além de São Paulo e Rio de Janeiro, que a população em questão busca como lazer, muitas vezes chamada de capital LGBTQ+ do Brasil. Além de apresentar também os possíveis locais que fazem parte do circuito da subcultura LGBTQ+ da cidade e as ações de políticas públicas que estão sendo levantadas.

Uma pesquisa rápida em sites de busca sobre destinos LGBTQ+ no Brasil trazem Florianópolis como um dos locais mais propícios para a população LGBTQ+^{vii}, isto tanto em sites nacionais quanto internacionais. Analisando o histórico da cidade vê-se que esta imagem de cidade *gayfriendly* foi construída pela mídia e pelos setores do turismo, principalmente para trazer novos investimentos para cidade e trazer novos turistas para cidade. Comprova-se este interesse, pois turistas LGBTQ+ gastam 30% mais que heterossexuais (NEVES, BRAMBATTI, 2019).

Florianópolis têm uma localização geograficamente estratégica, uma ilha, rodeadas de praias, com alto desenvolvimento tecnológico, localizada no centro da região mais rica do Brasil, RS/SC/PR/SP, muito próximos também, com facilidade de acesso tanto via terrestre, marítima ou aérea, de países da América do Sul, como Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai. A cidade foca toda sua estrutura em turismo, principalmente na alta temporada de verão, dezembro, janeiro e fevereiro, quando sua população mais que duplica. Além de possuir um IDH (índice de desenvolvimento humano) de 0.854 em 2010, sendo 3º município mais bem colocado no Brasil^{viii}, só por estes aspectos Florianópolis um grande destino a turistas tanto nacionais quanto internacionais.

A partir dos trabalhos de Queiroz (2014), Lazarini e Rial (2010), far-se-á uma análise de que modo a imagem de Florianópolis como capital LGBTQ+ do Brasil foi construída a partir

da mídia e pelo setor do turismo, afim de fortalecer o turismo no município em outras épocas além do verão.

A partir de 1999, ano da primeira parada Gay da cidade, mesmo reunindo poucas pessoas, levando a ser mais uma carreato do que parada, o objetivo foi alcançando trazendo visibilidade e os primeiros passos para uma visibilidade do movimento na cidade. Aos poucos por meio de colunas nos jornais, e principalmente do grande carnaval ocorrido no ano se 2000 no Bar Roma, local de encontro LGBTQ+ da época, foi-se percebido o íbopo e a importância econômica que está população tem dentro da cidade. Em 2002 ocorre a Rainha Gay, atualmente conhecido como Pop Gay, na época uma das únicas festas durante o carnaval do Brasil, incentivado pela prefeitura da cidade destinada a população LGBTQ+, em 2003 a mesma reuniu mais de 10 mil pessoas, em 2020 na sua 27ª edição, a festa reuniu mais de 30 mil pessoas^{ix}.

O ano de 2003 foi importante para os LGBTQ+, Santa Catarina torna-se um dos primeiros estados a criminalizar a homofobia, através da Lei Nº 12.574, de 04 de abril de 2003. Um ano antes do Programa federal Brasil sem Homofobia, isto chama atenção tanto de empresários quanto ativistas nacionalmente e internacionalmente. No mesmo ano Florianópolis elege o primeiro deputado homossexual, Nilton Machado, conhecido por Duduco. A prefeitura do município patrocina a vinda de um especialista italiano em marketing para cidade dar dicas de como abrir o mercado para turismo LGBTQ+. O principal jornal do estado Diário Catarinense – DC, lança a revista dominical *Donna DC*, para conquistar o público em questão.

Mas em 2015 a Lei nº 12.574 é revogada pelo Supremo Tribunal Federal por ser considerada inconstitucional. As únicas leis a favor da comunidade LGBTQ+, atualmente, em Florianópolis foram de autoria do Ex -vereador Tiago Silva (PMDB), sem consulta a Sociedade Civil, lei 10.187/2017 para discriminações de origem LGBTQfobia e a lei 10.186/2017 que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito do município de Florianópolis, ainda o prefeito Gean Loureiro vetou a parte mais progressista da Lei 10.187/17 que visava multar estabelecimentos responsáveis por posturas LGBTQfobias.

Com o aumento de turismo, dos hospedes, boas gorjetas, casas noturnas com público o ano inteiro, Florianópolis tornou-se de fato um novo polo de turismo LGBTQ+, em 2005 cria-se AEGLBTS/SC (Associação dos Empreendedores Gay, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e simpatizantes de Santa Catarina), mas esse sucesso silenciava a militância, os movimentos sociais tinham pouca voz dentro da associação. A parada da diversidade que estava sendo organizada, pela AEGLBT/SC com apoio do ex-vereador Tiago Silva, não passava de interesse econômico e pouco interesse social.

Após muito debate, no dia 09 de julho de 2006, ocorre a Parada da Diversidade, reunindo cerca de 30 mil pessoas na Avenida Beira Mar Norte, no dia 10 de julho as reportagens especiais: *Parada da Diversidade – Florianópolis, a capital gay do Brasil*. As notícias enunciavam o grande clima festivo investido por meio da AEGLBTS, custeando sem nenhuma contribuição pública e os militantes do movimento LGBT de Florianópolis, sendo silenciados e esquecidos, não foram citados que movimentos ou militantes participaram.

A parada da diversidade continuou na principal avenida do município, a Avenida Beira Mar Norte até 2013, sendo considerada a segunda maior parada da diversidade do Brasil, reunindo, segundo os organizadores mais de 100 mil pessoas. Após problemas políticos, no qual a prefeitura proibiu a realização da parada na Avenida Beira Mar norte, em 2014 não houve a manifestação pela diversidade, em 2015 a parada foi realocada para a Beira Mar continental, reunindo 30 mil pessoas segundo os organizadores^x, em 2019 a última parada que teve, a prefeitura não apoiou a parada, o único apoio foi ceder a Avenida Beira Mar continental e a guarda municipal para segurança e organização do evento, sendo totalmente realizada e organizada pelos movimentos sociais e a empreendedores ligados a causa, a última edição em 2019, a parada segundo a polícia militar reuniu em torno de 10 mil pessoas^{xi}.

Retornando para o ano de 2008, a cidade recebeu eventos importantes, tanto nacionais quanto internacionais, com a temática de gênero e sexualidade, em 2008 o II Fórum de Turismo GLS, da ABRAT-GLS; em 2009 o VI Fórum Internacional de Turismo GLS, da ABRAT – GLS e IGLTA – Internation Gay & Lesbian Travel Association; 2012 – Convenção Anual da IGTA, maior evento LGBT+ do mundo, realizado com apoio do Ministério do Turismo e da EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo, em 2013, Florianópolis foi citada pela revista americana Forbes como destino gay mais popular entre brasileiros e estrangeiros^{xii}.

A partir do exposto, percebe-se que Florianópolis foi construindo tanto eventos e locais para LGBT+, e um imagem como cidade *gayfriendly*. Atualmente a cidade conta com diversos empreendimentos que consideram LGBT+ como seu principal público, formando um circuito da subcultura LGBT+ no município, observa-se nas figuras circuito da subcultura LGBT+, centro e zona leste, baladas ou casas noturnas: (1) 1007, (2) Jivago, (3) Blues Velvet, (7) Concorde Club (8) Bar do Deca; bares como: (5) Madalena Bar, (6) Bodega La Kahlo, (4) Bar do Jonas; espaços públicos que são considerados espaços LGBT+ como a (10) praia da Galheta e (9) praia Mole; eventos como: Parada da Diversidade, Pop Gay, Bloco Não me Kahlo, Bloco Jivaguety, Wallowen e Festa Junina de rua do Jivago, Transforma – Festival de Cinema da Diversidade de Santa Catarina; além de diversas produtoras de eventos com temática LGBT+.

Circuito da SubCultura LGBT+ (Centro)



(Zona leste)



Fonte: Organizado pelo Autor

Não pode-se desconsiderar que Florianópolis possui uma universidade federal, a Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC, e uma estadual Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, no qual, além de serem espaços que a população LGBT+ convive, traz todo apoio científico para o debate levantado na sociedade, além de que a UFSC possui o maior evento de gênero da América Latina o Fazendo Gênero, que em 2021 está na sua 12ª edição.

A partir do exposto, constata-se que Florianópolis é um destino de turismo LGBT+, mesmo sendo uma cidade média com seus 500 mil habitantes, ela se destaca no cenário tanto nacional quanto internacional com sua imagem *gayfriendly*, desta forma a população LGBT+ faz parte do espaço urbano da cidade, por conseguinte possui direitos a ser consultados e considerados dentro do plano diretor municipal.

Com a Constituição de 1988, a prática urbanística busca não apenas reconciliar o cidadão com seu espaço, mas igualmente com seu sistema de representação social e político. Ao menos em teoria, os novos instrumentos urbanísticos – normativos (plano diretor e estatuto da cidade) e operativos (projeto urbano) – se colocam como um passo importante em direção à democracia participativa onde os gestores fazem apela a todas as ferramentas e meios para escutar os cidadãos e implica-los diretamente nos destinos da cidade. (FARIAS, 2012, p. 102)

Incorporando a pesquisa do IBGE, com levantamento apresentado aqui e com o que Farias apresenta, a comunidade LGBT+ de Florianópolis deveria ter sido ouvida para construção de planos diretores e do Estatuto da Cidade, pois é um direito assegurado pela constituição, mas nada é tratado sobre este grupo social nos documentos oficiais, de 2014. Desta maneira o poder público tratou estes assuntos com uma norma heterossexual dominante, colocando toda diversidade sexual e de gênero em uma posição de exclusão.

Somente em 2016 foi criado o Conselho Municipal LGBT em Florianópolis, mas o plano diretor não houve alteração, atualmente o conselho está voltadas para ações políticas, de

cidadania, saúde e direitos da população LGBTQ+ da Grande Florianópolis, mas o conselho não está atuante, até o presente momento da escrita desse artigo o conselho se encontra em processo de eleição dos seus membros. Em 2020 foi formado a Setorial de Cultura LGBTQ+, que faz parte do Conselho Municipal de Cultura de Florianópolis, a fim de proporcionar a implementação de políticas públicas para o segmento.

A partir do exposto, constata-se que Florianópolis é um destino de turismo LGBTQ+, claro que com ressalvas, Florianópolis pode ser sim uma cidade *gayfriendly*, no qual os movimentos sociais aos poucos estão sendo considerados, mas há muito caminho a percorrer. Pois casos de homofobias são diários, todos locais citados anteriormente sofrem agressões de moradores provincianos que querem manter a cidade “tradicional”, são comuns os casos de homofobia^{xiii}, a exemplo do verão de 2019 ocorreu o movimento “Põe a cara no Sol LGBTQI^{xiv}”, onde movimentos LGBTQI+ e associações de moradores fizeram manifestações contra casos de LGBTQIfobia que ocorreram na praia do Campeche. O documentário “Depois do Fervo^{xv}” também confirma a ilusória imagem de cidade *gay friendly*. Consta-se que mesmo Florianópolis divulgando que é uma capital *gay friendly* ocorre muita violência contra a comunidade LGBTQ+ no município.

Hipótese

A partir de toda reflexão feita neste artigo, trazendo tanto o arcabouço teórico quanto a construção da imagem de Florianópolis como cidade *gayfriendly*, levanta-se uma hipótese sobre como estes locais, descritos anteriormente, auxiliam o processo de modificação de redes e (re)constroem a identidade dos sujeitos da pesquisa.

Possivelmente um imigrante escolha o município de Florianópolis por algumas razões, se for um estudante, fase de graduação, este escolhe a cidade tanto pela importância nacional que as universidades públicas, UFSC e UDESC, possuem e eventualmente este escolhem Florianópolis também pela sua localização geográfica, suas praias e o modo de vida de uma cidade mediana.

Estes sujeitos como são jovens em um novo local, presumivelmente tecem suas redes sociais migratórias por meio de parentesco, estes auxiliam o migrante a se instalar na sociedade, mas logo voltam para cidade natal, deixando o jovem sem conhecidos em Florianópolis, possivelmente pelo alto valor de alugueis na cidade este jovem divide aluguel com outros sujeitos na mesma situação. Nesta nova relação de pessoas morando juntas cria-se uma nova

rede social, uma rede de identificação e amizade, por serem jovens e também possivelmente não naturais de Florianópolis.

Este jovem inicia indo para universidade no qual expande sua rede social, pois estes auxiliaram o jovem a se instalar, conhecer locais para arranjar emprego ou sair, auxiliaram o jovem a se sentir pertencente a nova sociedade. Mas o mesmo depara-se com uma sociedade no qual não estava acostumado, conhecendo outras identidades, durante este processo o jovem se indaga sobre sua própria identificação, como Hall nós aponta.

O sujeito em questão começa a sair com as redes feitas dentro da universidade, ou de sua moradia, ou de seu trabalho, possivelmente indo para algum dos locais citados que fazem parte da Subcultura LGBTQ+ da cidade. Se tornando integrado a essas comunidades locais, como Policarpo nos apresenta.

Estes locais apresentam novas identificações ao sujeito, a questão de sua identidade sexual é levantada, se ele se sentir confortável pode cada vez mais se distanciar da identidade previamente definidas, assim proporcionando uma imagem positiva da homossexualidade e (re)construir uma nova identidade, como Policarpo apresenta, a fase da subjetivação.

O sujeito se encontra nessa nova identidade, (re)construindo toda sua subjetividade, ocasionando a saída do armário. Não necessariamente ele se assume LGBTQ+, mas ele conquista-se a si, se distanciando das identidades-integradoras, assumindo uma nova identificação.

Deve-se ater que não são as redes sociais ou os locais que o sujeito frequenta que (re)construíram ou que o farão ser LGBTQ+, isto está incorporado no sujeito desde sua nascença, mas se o sujeito tiver alguma já determinação como LGBTQ+, as redes sociais tecidas dentro da cidade de Florianópolis, auxiliaram a conhecer outras identidades que fogem da heteronormatividade, auxiliando migrantes LGBTQ+ que estavam dentro do armário a não somente enfrentar fronteiras geográficas mas também simbólicas na sociedade.

Considerações Finais

Conclui-se que o município de Florianópolis, foi construindo sua imagem de cidade *gayfriendly*, principalmente por causa da economia que o turismo LGBTQ+ proporciona, isto fez a cidade ser um polo turístico tanto nacional quanto internacional. Mas os movimentos sociais sempre foram deixados de lado, ignorando todos problemas sociais que os LGBTQ+ enfrentam, focando principalmente na economia e esquecendo a sociabilização desta população, desta

forma, se a cidade e sua população não forem preparada mais casos de LGBTfobias acontecerão.

Por outro lado, quanto mais a população LGBT+ cresce na cidade mais empoderamento e força os movimentos sociais terão, tanto em relação a quantidade de participantes quanto novas reflexões e debates proporcionados por esta união. Além de também o aumento de lugares que defendem está população, tornando locais de defesa para essa população, que possam vivenciar toda sua performatividade de gênero e sexualidade sem que sejam, estigmatizados.

Pressupõem-se então, que por meio destes lugares que fazem parte do circuito da subcultura LGBT+, frequentados também por pessoas que não se identificam LGBT+. Fazem pessoas não LGBT+ se sentirem confortáveis a vivenciar aquele espaço e socializar com outras identidades das quais não estavam acostumados a conviver, criando uma imagem positiva dos LGBT+. A partir desse convívio com outras identidades, coloca-se sua identidade em questão, criticando a heteronormatividade e outras condutas consideradas padrões pressupostos na sociedade. Portanto, por meio das redes sociais, espaços e representações que possui dentro do município, neste caso em Florianópolis, consegue-se (re)construir uma identidade e se o sujeito tiver pré-disposição, será mais facilitado se assumir como LGBT+. Dessa maneira por meio da migração o sujeito além de atravessar fronteiras geográficas, atravessa também fronteiras simbólicas e de identidades.

Referencia Bibliográfica

ANDRADE, Vitor Lopes. **Refúgio por motivos de orientação sexual: um estudo antropológico na cidade de São Paulo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2019. 202p.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n.3, p. 745 – 772, 2007.

BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema Quaresma, Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais, *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BRANDÃO, Ana Maria. "Ser e Saber": (re) visitasões do passado e construção das identidades (homos)sexuais. **Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia**, Braga, v. 1, n. 1, p. 9-16, maio 2004.

FARIA, Guélmer Júnior Almeida de. FERREIRA, Maria da Luz Alves. PAULA Andrea Maria Narciso Rocha de, “Nós, as meninas da minha família, sempre vamos muito cedo para lá”: Trajetórias migracionais, redes sociais e espaços de vida das domésticas migrantes. **Cidades, comunidade e territórios**, v. 40, p. 15–32. Jun. 2020 .

FARIAS, José Almir. Prática Urbanística e Diversidade Sexual: Pode o urbanismo contribuir para a emancipação LGBT nos espaços da cidade? **Advir**, Rio de Janeiro, p.100-113, jul. 2012.

Gil, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social; 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós – modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, ed. 12, 2019

JÚNIOR, A. V. Do altar para as ruas: luta, resistência e construção identitária de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 2, n. 02, 27 nov. 2012

LANZARINI, Ricardo, A viagem Liberadora: Para além das fronteiras da Sexualidade. **Rosa dos Ventos**, 5(4), p. 548 – 558, out-dez, 2013

LAZARINI, Ricardo; RIAL, Carmem. Turismo Gay na ilha de santa catarina: homossociabilidades e perspectivas. **Fazendo Genero 9**, Florianopolis, p. 1-10, ago. 2010.

LISBOA, Teresa Kleba. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **26ª Reunião Brasileira de Antropologia Desigualdade na Diversidade**, São Paulo, RBA, 2008

MENESES, Inês, Intimidade norma e diferença: a modernidade gay em Lisboa, In **Análise Social**, Lisboa: imprensa das Ciências Sociais, vol. 34, n. 153,p.933-955, 2000.

MARCUS, G. E. 1999. What Is At Stake–And Is Not–In The Idea And Practice Of Multi-Sited Ethnography. *Canberra Anthropology* 22, 6-14.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTES, Ana Cristina B. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

MOREIRA, Maicon Gularte; HALLAL, Dalila Rosa. Travel and Border Experiences in Transgression of Gay Closet. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 133-155, 29 dez. 2016. Universidade Caixias do Sul. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v9i1p133>.

NEVES, Christopher Smith Bignardi; BRAMBATTI, Luiz Ernesto. LGBT Tourist Behavior Regarding Leisure Travel Consumption. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, [S.L.], v. 11, n. 4, p. 832-846, 14 out. 2019. Universidade Caixias do Sul. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v11i4p832>.

PADILHA, Beatriz. **A imigração Brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise**. In: MALHEIROS, Jorge Macaísta. Imigração brasileira em Portugal. Lisboa, Acidi, 2007, pp.113-134

PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiros para a Itália no marco do turismo sexual internacional. **Revista Estudos Feministas** nº 3, vol. 15, Florianópolis, 2007, pp.717- 744.

POLICARPO, Verónica Mafalda Nunes de Melo. Para lá da heteronorma: subjetivação e construção da identidade sexual. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 541-562, ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p541>.

POLICARPO, Verónica Mafalda Nunes de Melo. **Indivíduos e sexualidade: a construção social da experiência sexual**. Tese(doutorado) Instituto de Ciências sociais da universidade de Lisboa. 2011.

POLICARPO, Verónica Mafalda Nunes de Melo. **Indivíduos e sexualidade: a construção social da experiência sexual**. Lisboa: **Imprensa de ciências sociais**, 2014.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. A capital gay do brasil: política, turismo, economia e a construção de imagens acerca de florianópolis -sc através das paginas jornalísticas (1999 - 2006). **Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 1-21, set. 2014.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza *et al.* Quando o armário é aberto: visibilidade, percepção de risco e construção de identidade no coming out de homens homossexuais. **Fazendo Genero 8**, Florianópolis, p. 1-10, ago. 2008.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19- 54, 2007.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da; RODRIGUES, Carmem Izabel. ENTRANDO, SAINDO OU PERMANECENDO NO “ARMÁRIO”: o coming out de jovens homossexuais masculinos em Belém- pa. **Fazendo Gênero 9**: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, Florianópolis, p. 1-10, ago. 2010.

SIQUEIRA, Sueli. **Imigração e retorno na perspectiva de gênero Introdução , Gênero, sexo, afetos e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil, org. Adriana Piscitelli, ASSIS. Glauca de Oliveira, OLIVAR. José Miguel Nieto, organizadores. -- Campinas, SP : UNICAMP/PAGU, 2011. (Coleção Encontros), p. 435 – 460.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**: seguido de *Ágape e êxtase*: orientações pós-seculares. Posfácio de Richard Miskolci. Tradução: Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 96 p. (Coleção Argos, 2).

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. “Metronormatividades” nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no brasil. **askesis**, São Carlos, v. 4, n. 1, p.23-25, jan. 2015. Semestral. Disponível em: <http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/8/pdf_2>. Acesso em: 04 mar. 2019.

THEODORO, Hadriel Geovani da Silva: Dinâmicas comunicacionais de (in)visibilidade na experiência de refugiados e imigrantes nas cidades de São Paulo e Barcelona. Tese de doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo. ESPM/SP. 2021

VIEIRA. Paulo Jorge, [Cidades torcidas uma abordagem conceitual sobre \(homo\)sexualidades e espaço urbano](#), trabalho apresentado em XII simpósio nacional de geografia urbana ciência e utopia: por uma geografia do possível, Belo Horizonte, 2011b

VIEIRA. Paulo Jorge, “[Do “bairro” e para além do “bairro” – Heterotopias e Constelações Lésbicas e Gays em Espaço Urbano](#)” in Salvador, Regina; Firmino, Ana; Ponte, Cristina; Ferreira, Eduarda (org.), *Actas do Seminário Geografias de Inclusão: desafios e oportunidades*. Lisboa: e-GEO, pp. 102-117. 2011c

VIEIRA, Paulo Jorge. Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidianos Lésbicos e Gays em Espaços Urbanos, **Revista Lanino- americana de Geografia e gênero**, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 5 – 13, jan/jun. 2010

ⁱ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travesti, transexuais, + outras minorias sexuais e de gênero (THEODORO, 2021).

ⁱⁱ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ⁱⁱⁱ Nomenclatura local que se dá para nascidos na cidade de Florianópolis.

^{iv} Entende-se por meio de compreender, mapear, determinar e discutir como as produções acadêmicas estão analisando, conceituando e estudando determinados temas, identificando os aspectos que tem-se destacado e privilegiados nas pesquisas.

^v Para Hall a representação é a escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização por meio da arte ou dos sistemas de telecomunicação. Assim, para presente artigo, caracterizará a importância que estas representações possuem para construção do imaginário do local que direcionará a influência à migração.

^{vi} Termo utilizado para se referir a lugares públicos ou privados que são abertos e receptivos ao público gay, ou seja, a membros da comunidade LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, travestis e toda diversidade de identidade de gênero e orientação sexual existente.)

^{vii} **Cinco capitais no Brasil com atrações para o público LGBTQ**. 2017. Disponível em: <https://www.camaralgbt.com.br/cinco-capitais-no-brasil-com-atracoes-para-o-publico-lgbt/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

LEICK, Rafael. **Prêmio Viaja Bi!: os melhores destinos LGBTQ friendly para 2020**. 2020. Disponível em: <https://viajabr.com.br/melhores-destinos-lgbt-friendly-2020-premio-viaja-bi/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

LEICK, Rafael. **De norte a sul: veja 8 destinos para turismo LGBTQ no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://magazine.trivago.com.br/turismo-lgbt-brasil/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

GAY Cities. Disponível em: <https://www.gaycities.com/places>. Acesso em: 26 abr. 2021.

^{viii} PNUD BRASIL. **Ranking IDHM Municípios 2010**. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home.html>. Acesso em: 26 abr. 2021.

^{ix} **G1: Confirma as vencedoras da 27ª edição do concurso Pop Gay em Florianópolis**. Florianópolis, 25 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/carnaval/2020/noticia/2020/02/25/confirma-as-vencedoras-da-27a-edicao-do-concurso-pop-gay-em-florianopolis.ghtml>. Acesso em: 26 abr. 2021.

^x **G1: 9ª Parada da Diversidade reúne milhares de pessoas em Florianópolis**. Florianópolis, 06 set. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/09/9-parada-da-diversidade-reune-centenas-de-pessoas-em-florianopolis.html>. Acesso em: 26 abr. 2021.

^{xi} **NSC TOTAL: Parada da Diversidade em Florianópolis tem até casamento**. Florianópolis, 08 set. 2019. Disponível em: <https://www.nscototal.com.br/noticias/parada-da-diversidade-em-florianopolis-tem-ate-casamento>. Acesso em: 26 abr. 2021.

^{xii} FLORIANÓPOLIS. PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. **Florianópolis é destaque no site da revista Forbes**: capital catarinense é considerada uma das cidades mais capacitadas para atender o segmento lgbt. Capital catarinense é considerada uma das cidades mais capacitadas para atender o segmento LGBTQ. 2013. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?pagina=notpagina-i=9607>. Acesso em: 26 abr. 2021.

^{xiii} G1, Casal gay relata ter sido espancado por homofobia na lagoa da conceição em Florianópolis, disponível em <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/casal-gay-relata-ter-sido-espancado-por-homofobia-na-lagoa-da-conceicao-em-florianopolis.ghtml>, acesso dia 1 de mar. de 2019.

^{xiv} Bota a Cara no Sol LGBTQI + (edição Campeche), Florianópolis, Facebook, disponível no link <https://www.facebook.com/events/1999674180119985/>, acesso 12 de abril de 2019.

^{xv} Documentário feito por Matheus Gonçalves Faisting para o seu trabalho de conclusão de curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, DEPOIS do Fervo. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6YT4oPFEvs>. Acesso em: 01 mar. 2019.